



**FACULDADE METROPOLITANA DE MANAUS
CURSO DE PSICOLOGIA**

JULISETE DO CARMO SOUTELO DA MOTA

**ARTETERAPIA, UTILIZANDO TEATRO/CLOWN COMO TERAPIA AUXILIAR
NO TRATAMENTO DO CÂNCER INFANTIL.**

**MANAUS
2020**

JULISETE DO CARMO SOUTELO DA MOTA

**ARTETERAPIA, UTILIZANDO TEATRO/CLOWN COMO TERAPIA AUXILIAR
NO TRATAMENTO DO CÂNCER INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final no Curso de Graduação em Psicologia para obtenção do Título de Psicólogo, pela Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO.

Orientador: Prof. Júlio César Pinto de Souza

**MANAUS
2020**

JULISETE DO CARMO SOUTELO DA MOTA

**ARTETERAPIA, UTILIZANDO TEATRO/CLOWN COMO TERAPIA
AUXILIAR NO TRATAMENTO DO CÂNCER INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina TCC II, para obtenção da titulação de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Manaus.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

JÚLIO CÉSAR PINTO DE SOUZA
Professor Orientador

Membro da banca

Membro da banca

FICHA CATALOGRÁFICA

M917a Mota, Julisete do Carmo da.

Arteterapia, Utilizando teatro/clown como terapia auxiliar
no atamento do câncer infantil / Julisete do Carmo Mota.

41p. ; 30 cm.

Orientador : Júlio César Pinto de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade
Faculdade Metropolitana de Manaus, para obtenção do grau
de bacharel em Psicologia.

1. Arteterapia. 2. Clown. 3. Câncer Infantil. I. Souza,
Júlio César Pinto de. II. Faculdade Metropolitana de
Manaus. III. Título.

CDD150

Dedico este trabalho a minha mãe Luzete, e ao meu pai Julival (in memoriam), pelos ensinamentos deixados e aos meus filhos, minha razão de viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que foi minha maior força nos momentos de angústia e desespero. Sem ele, nada disso seria possível. Obrigada, senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração. Um agradecimento especial à minha família. As palavras não podem expressar o quão grato sou a todos vocês. Suas orações me deram forças para continuar e finalizar esta pesquisa. Também gostaria de agradecer a todos os meus amigos que me apoiaram e me incentivaram a buscar o meu objetivo.

Gratidão a Deus pela vida do Sr. Waldery Areosa, que acreditou no meu potencial e no meu sonho de ser psicóloga me ajudando com tantas oportunidades.

A minha Professora Coordenadora do Estágio, Prof^a Rosenira Ribeiro de Almeida Dantas, muito obrigada pelos ensinamentos, e por ser uma grande profissional.

A minha faculdade FAMETRO e a todos os professores pelos ensinamentos em especial ao meu professor orientador Júlio César Pinto de Souza, por sua dedicação e paciência, um profissional de excelência, gratidão por seu empenho em guiar-me até a conclusão deste trabalho, grande exemplo como profissional.

Ao projeto Trupe da Alegria, onde aprendi a olhar a dor do outro com compaixão, atuando como doutora e levando alegria aos hospitais de Manaus.

Espero honrar todos os conhecimentos adquiridos durante a minha vida acadêmica, dedicando-me com afinco e amor a minha carreira.

*“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas,
mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma
humana”.*

(Carl Jung)

RESUMO

Com o intuito de encontrar uma forma para amenizar a angústia das crianças perante o câncer infantil, o presente trabalho tem como propósito apresentar as contribuições do teatro/clown como terapia auxiliar no tratamento do câncer infantil. Utilizando os elementos lúdicos incorporados ao tratamento, confirmando o pressuposto de que o Clown troca com a criança o riso no momento de dor. A arte associada aos tratamentos clássicos visa conservar a pureza e a inocência da criança, ajudando-a a enfrentar o período enfermo e garantindo estabilidade emocional. Os recursos artísticos utilizados de forma terapêutica promovem uma ampliação da consciência de si, do outro e do mundo e uma melhora no estado clínico. Foi feita uma revisão bibliográfica buscando trabalhos atuais nesta área, principalmente aqueles que apresentam os aspectos psicossociais envolvidos no tratamento do câncer infantil, tais como a família e a sociedade onde a criança está inserida, e como se dá sua relação com as mesmas, e, como a arte pode ajudar neste sentido.

Palavras-chave: Teatro Clown; Crianças; Câncer Infantil; Tratamento.

ABSTRACT

In order to find a way to ease the anguish of children facing childhood cancer, the purpose of this work is to present the contributions of the theater / clown as an auxiliary therapy in the treatment of childhood cancer. Using the playful elements incorporated into the treatment, confirming the assumption that the clown exchanges laughter with the child in times of pain. The art associated with classical treatments aims to preserve the child's purity and innocence, helping them to face the sick period and ensuring emotional stability. The artistic resources used in a therapeutic way promote an increase in the awareness of oneself, the other and the world and an improvement in the clinical condition. A bibliographic review was carried out looking for current works in this area, mainly those that present the psychosocial aspects involved in the treatment of childhood cancer, such as the family and the society where the child is inserted, and how is their relationship with them, and how art can help in this regard.

Keywords: Clown Theater; Children; Childhood Cancer; Treatment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DISCUSSÃO TEÓRICA.....	13
2.1AarteterapiadoteatroclownemAmbientehospitalar.....	13
2.2 O teatro clown em hospitais	14
2.3 Breve contexto da arteterapia	18
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	21
4 O TEATRO CLOWN E O ALÍVIO DA ANSIEDADE DE CRIANÇA EM TRATAMENTO DO CÂNCER	22
4.1 Abordagem lúdica no contexto hospitalar.....	26
4.2 A atuação do teatro Clown no enfrentamento da Ansiedade.....	28
5 O TEATRO CLOWN COMO TERAPIA AUXILIAR VOLTADA AOS DOENTES DECÂNCERINFANTIL.....	31
5.1 As técnicas do teatro Clown auxiliam na qualidade de vida da criança com câncer	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa surgiu como uma proposta de aprofundar estudos já realizados na graduação sobre este tema. A ideia de trabalhar com crianças em tratamento do câncer aconteceu a partir da visão do quanto era necessário desenvolver um projeto que pudesse de alguma forma contribuir para amenizar a ansiedade de crianças oncológicas. Para a realização do trabalho de conclusão de curso (TCC) foi pensado um tema que fosse multidisciplinar (relacionando principalmente Arte e Psicologia), mas que, ao mesmo tempo, fosse um problema de relevância social.

Devido ao câncer infantil tratar-se de uma doença que causa muito sofrimento para as crianças e também aos seus familiares, sentiu-se a necessidade de abordar a temática sobre o Teatro Clown como terapia auxiliar no tratamento de crianças com câncer, com intuito de mostrar como a arte pode contribuir muito durante o processo de tratamento.

Vale ressaltar que o interesse pelo tema deste estudo surgiu durante a minha participação de um projeto social chamado, A Trupe da Alegria, que realizava visitas semanais aos hospitais infantis, atores vestidos de Doutores da Alegria (Clown), permitindo sentir de perto a realidade das crianças com câncer.

Após estas visitas foi possível avaliar e decidir como proceder para tentar amenizar a angústia que pairava no semblante daquelas crianças, então, a ideia de colocar em prática a arte do teatro Clown foi projetada em forma de terapia auxiliar, de como se poderia levar alegria para essas crianças e familiares que convivem com a dor diariamente, ajudá-las na aceitação do tratamento e tornar o ambiente mais alegre e menos traumático.

A finalidade do trabalho em si é poder colocar os conhecimentos adquiridos de forma empírica em prol de um projeto que possa de alguma forma ver o sorriso brotar no rosto de crianças doentes mesmo em momento de tanto sofrimento, muitas delas sem cabelo e sem perspectiva devido à quimioterapia. Situação crítica que gerou empatia fazendo o coração e a mente despertarem o desejo de realizar uma ação psicossocial que pudesse contribuir de fato e de forma científica para elevar a autoestima e ajudar na redução da angústia e ansiedade dessas crianças e de seus familiares.

Dentro deste contexto a arte (teatro clown) surge como auxílio durante o tratamento do câncer infantil, no entanto, pode-se também denominá-la como válvula de escape diante de uma situação tão estressante para pacientes oncológicos, familiares e equipe de saúde.

Visando a conservação da saúde emocional dessas crianças, o teatro Clown é apresentado como uma alternativa no tratamento das mesmas.

Verificou-se que a participação de clowns em rotinas hospitalares tornou-se frequente, sendo uma prática que ganhou um amplo espaço nas pediatrias devido aos grandes resultados positivos obtidos. O Clown com sua espontaneidade tem como finalidade contribuir de forma significativa durante o tratamento. Essa é uma contribuição que não se limita apenas a viabilizar que a criança aceite melhor o tratamento, mas, também como forma de reduzir a angústia e níveis de ansiedade durante o tempo de internação e tratamento da doença.

Mesmo com os avanços do desenvolvimento das técnicas hospitalares, percebe-se muitas vezes uma lacuna de conhecimento existente nesses lugares a respeito de se estar recebendo um tratamento e a necessidade ou possibilidade de se continuar sendo alegre e feliz mesmo em momento de privações e dor.

A fim de nortear a pesquisa foram estabelecidos os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Discutir a participação do teatro clown como terapia auxiliar no tratamento do câncer infantil.

- Objetivos específicos

- Apresentar como o Teatro Clown pode gerar contribuições para terapia convencional diante do câncer infantil;

- Apresentar as técnicas e atividades do teatro Clown que contribuem para que a criança tenha melhor aceitação do tratamento do câncer;

- Identificar por intermédio da atuação do teatro Clown os benefícios para alívio da angústia e dos níveis de ansiedade da criança em tratamento do câncer.

Com isso, o estudo buscou apresentar como o Teatro Clown pode gerar contribuições para terapia convencional diante do câncer infantil.

Dessa forma, o presente estudo foi estruturado em quatro seções, a saber:

A primeira apresenta o referencial teórico substanciado pelo pensamento dos autores que apresentam o histórico sobre o tema em questão e objetivam a sua prática e devida importância.

A segunda seção trata dos procedimentos metodológicos realizados no processo de pesquisa sobre o tema.

A terceira seção mostra as contribuições do teatro Clown como terapia auxiliar em conjunto com a terapia convencional frente ao tratamento do câncer infantil, especialmente na situação de nível de ansiedade.

A quarta seção relata o trabalho lúdico realizado por meio do personagem Clown em hospitais em sua trajetória de benefícios que sua atuação produz e a importância de se utilizar

as práticas do Clown no cuidado da criança em tratamento do câncer e seu desenvolvimento de males psicossociais.

A quarta seção especifica o valor das técnicas de arteterapia do teatro Clown como auxílio terapêutico nos casos de câncer infantil.

Por fim, as considerações finais retomam sinteticamente as principais ideias apresentadas ao longo do trabalho.

SEÇÃO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 A Arteterapia do Teatro Clown em Ambiente Hospitalar

O teatro Clown caracteriza-se pela disposição do entretenimento, no qual o humor é sua principal função, exercendo uma das formas de função social do teatro segundo o diretor e dramaturgo alemão Bertolt Brecht, que é educar e entreter, tanto na sua modalidade de drama quanto na comédia (SEPAC, 2014).

Nesta perspectiva pode-se afirmar que todas as pessoas já experimentaram de algum modo esse tipo de entretenimento mundo a fora enquanto criança ou adulto, inclusive de forma desconfortável, quando às vezes o clown foi-lhe apresentado inadequadamente. Contudo, em geral, o clown libera aspectos mágicos de estímulo ao relaxamento da alegria, típicos de sua arte, o humor (CATAPAN; OLIVEIRA ; ROTTA, 2019).

O teatro Clown, com humor, graça, e a alegria relaxante, ousou ir além dos espaços dos circos e das ruas para atingir espaços fechados e situações onde possivelmente a tristeza podia imperar devido a condições críticas de saúde, conquistando os hospitais com suas palhaçadas terapêuticas (MOURA JÚNIOR ;GODOY ; MEDEIROS, 2018).

Com a proposta de humanização pelo humor em contraponto à lógica do modelo biomédico o teatro Clown mudou seu palco para o ambiente hospitalar e se estabeleceu como terapia auxiliar de sucesso na promoção do bem-estar emocional e psicossocial, embora em determinados momentos sua atuação tenha encontrado oposição da equipe médica pela interferência causada (CATAPAN ; OLIVEIRA ; ROTTA, 2019).

Estes autores esclarecem a arteterapia do teatro clown, mais conhecida como palhaçoterapia, a partir da concepção de Dionigi et al., como a “implementação de técnicas de palhaço derivadas da arte circense, para o contexto da doença, no intuito de melhorar o humor das pessoas e seu estado mental” (DIONIGI et al., 2012 apud CATAPAN, OLIVEIRA e ROTTA, 2019, p. 213).

Nesse sentido, eles associam os palhaços à medicina por meio do bom humor. Inclusive, segundo seus estudos os médicos antigos da época de Hipócrates (460 – 377 a.c.) acreditavam que o bom humor era um elemento de forte influência no processo de cura. E também por isso supunham que essa terapia dos palhaços já existisse desde esse tempo, embora a medicina moderna de modelo biomédico ainda resista a sistemas além da alopatia.

Dessa forma, o teatro clown é uma técnica de arteterapia que produz efeitos na recuperação de pessoas internadas em hospitais dada a intervenção do bom humor, com brincadeiras e criatividade que atuam em seu psicossocial.

2.2 O Teatro clown em hospitais

Em que pese o fato da antiguidade arteterapêutica dos palhaços conforme mencionado acima, os relatos sobre o teatro Clown nos hospitais ocorreram sistematicamente somente no século XX, no início do século pela primeira vez em Londres (1908), e com sua inserção efetiva concretizada pelos trabalhos de Patch Adams, do Gesundheit Institute (1971) e Michael Christensen, do Big Apple Circus Clown Care Unit, fundado em 1986 (SATO et al., 2016; MOURA JÚNIOR, GODOY, MEDEIROS, 2018; CATAPAN; OLIVEIRA ; ROTTA, 2019).

Segundo os estudos de Moura Júnior, Godoy e Medeiros (2018), o hospital, desde o seu surgimento até o lançamento das bases do modelo biomédico no século XVII, tinha o propósito de caridade, de responsabilidade religiosa, que abrigava e cuidava de pobres enfermos ou viajantes, mas fundamentalmente exercia a função de segregar e excluir os pobres molestados.

Nestes estudos “o hospital teve sua característica de unidade de tratamento de doenças com o surgimento da tecnologia e da disciplina, pois, com o passar do tempo, o ambiente hospitalar passou de religioso-leigo para médico-técnico” (FOUCAULT, 1979 apud MOURA JÚNIOR ; GODOY; MEDEIROS, 2018, p. 124).

Os aspectos importantes a serem destacados conforme estes autores, são: O hospital se desenvolveu ganhando novos contornos, com novas atuações de cunho médico, científico e organizacional para cura e prevenção visando não só a doença, mas os sujeitos, com isso realizando a abertura para a atuação de outros profissionais.

Esta abertura aos poucos também congregou a inserção de um voluntariado, que nesta pesquisa destaca a arteterapia do teatro clown, também chamada de palhaçoterapia ou palhaços-doutores, dentre outros nomes.

O voluntariado presta um serviço de assistência em um ambiente hospitalar, sendo visto como uma entidade positiva ao atuar nessa instituição, que sofre carências efetivas, principalmente na rede pública, mas que existem críticas e limitações nessa função no olhar do profissional de saúde que compartilha desse lugar (MONIZ e ARAÚJO, 2008 apud MOURA JÚNIOR ; GODOY ; MEDEIROS, 2018, p. 125).

O teatro clown se insere nesse contexto, mas sua atividade vai além das resistências, tecnologias, métodos e técnicas hospitalares, levando bem-estar ao ambiente hospitalar, tornando-o mais confortável e receptivo aos enfermos.

Esse olhar desconfiado, crítico e até mesmo opositor de certos profissionais de saúde muitas vezes revelam ignorância, preconceito e desvalorização da figura do palhaço em ambiente controlado, como é um hospital, por causa da visão equivocada de que os jogos, as brincadeiras e o improviso seriam mera bagunça e interromperiam a rotina rígida, justificando, às vezes, “a adoção do termo clown (palhaço, em inglês) no Brasil pela diferença entre palhaços de circo e os que atuam em outros espaços cênicos para plateias específicas, como é o caso dos palhaços de hospital” (CATAPAN ; OLIVEIRA ; ROTTA, 2019, p. 26).

Estes autores deixam claro que a terapia realizada pelos palhaços não possui uma atuação exclusiva, muito pelo contrário, engloba definições, nomenclaturas, atores, finalidades, abordagens e públicos diferentes, como por exemplo, uns trabalham com música, outros com brincadeiras e alguns chamam sua atividade de terapia do riso etc., devido as técnicas circenses comportarem uma grande liberdade de ação (MORCERF et al., 2015).

Em sua dissertação de mestrado Catapan traça um quadro desafiador da humanização do modelo de atenção e gestão à saúde no contexto brasileiro vigente, tais quais, “a predominância da racionalidade biomédica e do modelo de atenção hospitalocêntrico, [...] excesso de tecnologia e a supervalorização da especialização, as decisões gerenciais verticalizadas e a fragmentação do processo de trabalho” (CATAPAN, 2017, p. 37).

A autora continua afirmando que essas práticas de saúde são desumanas:

[...] quando, subtraem do cidadão seus direitos sociais e o submete a práticas mecanicistas, rotineiras que o homogeneízam e o rotulam como meros usuários do sistema. Desconsidera a singularidade inerente ao ser, tornando impossível percebê-lo como ser humano, merecedor de um tratamento solidário, digno e respeitoso (CATAPAN, 2017, p. 37-38).

A proposta da arteterapia do teatro clown visa ao resgate da humanização do ambiente hospitalar, inclusive com a quebra dessa rotina mecanicista de modelo biomédico ainda hegemônico (MORCERF et al., 2015).

Atualmente no Brasil a quantidade de grupos dedicados a esta arteterapia é crescente, mas um que tem projeção nacional é a organização Doutores da Alegria.

Também possui reconhecimento internacional, citado ao lado de grupos da envergadura de Humour Foundation (Austrália) e Le Rire Médecin (França), com o trabalho de palhaços profissionais, que seguem o modelo do Big Apple Circus (SATO et al., 2016).

Fundado em 1991 por Wellington Nogueira que trabalhou na Clown Care Unit em Nova Iorque, tornou-se uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos Doutores da Alegria em 1994, com trabalho pioneiro e de forte influência sobre outros grupos de palhaços-doutores, formado por artistas que se dizem especialistas na arte de cuidar pessoas hospitalizadas por meio da terapia do riso (RIBEIRO ; PINHEIRO ; ARAÚJO ; AKEMAN ; 2014 ; MORCERF et al., 2015; CATAPAN, 2017).

Foi fundada uma escola de arte que “trabalha com o conceito de saúde de forma ampla, envolvendo inclusão, tolerância, diálogo, convívio inclusive com o sintoma, inclusive com a doença; assim como a tristeza e a alegria”. E se estrutura em dois núcleos, o pedagógico e o formador, por isso conta “com pedagogia própria no ensino da máscara do palhaço”.

A máscara do palhaço é essencialmente o nariz vermelho, sua marca registrada, e a vestimenta imprescindível para atuar no ambiente hospitalar é o jaleco branco, em analogia ao palhaço-doutor. A escola, o conceito amplo de saúde e a platéia hospitalar revelam a ênfase à preparação para atuar, à integralidade e humanização do cuidado na busca do bem-estar psicossocial, que reflete o ser humano um todo, contrastando e desafiando o modelo biomédico mecanizado.

De acordo com Catapan (2017) no Brasil há mais de 700 grupos de palhaços profissionais e amadores atuando e formando palhaços de hospitais implicando no crescimento da abrangência dos benefícios terapêuticos para quem está internado. Mas também há grupos formados por universitários de áreas diversas que buscam uma formação mais humanística.

Com efeito, consta-se que as contribuições do teatro Clown para a terapia convencional têm como base o uso do humor instrumentalizado em prol do cuidado e da recuperação do sujeito internado.

Na literatura pesquisa foi verificado o grande valor terapêutico das visitas dos palhaços-doutores para pessoas de todas as idades, internadas ou não, pacientes, acompanhantes, e trabalhadores dos hospitais de forma geral, com algumas exceções.

Os artigos de revisão da literatura sobre este assunto registram de forma sistemática a relevância da arteterapia do teatro Clown no espaço hospitalar, mesmo sendo um local pouco adequado e permissivo para a atividade lúdica.

Essa técnica de arteterapia será destacada com ênfase nas conclusões gerais extraídas dos estudos dos artigos de revisão.

Três contribuições importantes foram assinaladas por Sato et al. (2016, p. 123) a partir da visão geral de seu estudo: “[...] estes encontros podem estabelecer relações profundas capazes de ressignificar o ambiente hospitalar, empoderar os pacientes e servir como modelo de relação para toda a equipe de saúde envolvida”.

Estes autores destacaram a importância da atuação do teatro clown no ambiente hospitalar devido a melhora no bem-estar emocional, pois seus estudos constataram do ponto de vista do contexto fisiológico que há “evidências da existência de uma correlação positiva entre o bem-estar emocional, a recuperação e a sobrevivência diante de uma doença física” (SATO et al., 2016, p. 126).

Estes autores completam no mesmo parágrafo: “Considera-se que tanto a doença como a internação configuram situações geradoras de estresse, medo e ansiedade, contexto no qual se baseiam as intervenções dos palhaços” (p.126), favorecendo, assim, o empoderamento e a confiança.

Nesse sentido, a máscara do palhaço subverte o ambiente hospitalar, suas funções e a própria doença, realizando uma desconstrução do ambiente tradicional, conferindo-lhe uma nova interpretação da vida pela linguagem do humor.

Os estudos destes autores também mostraram o amplo alcance das intervenções do teatro clown na vida do hospital, com atividades diversificadas que integram todos os participantes daquela rotina, promovendo:

[...] alegria; descontração; melhora do ambiente hospitalar; diminuição do estresse dos pacientes e de acompanhantes, mesmo quando são considerados fatores estressantes extradoença, como preocupações financeiras ou com familiares; auxílio na recuperação; tranquilidade às mães, no caso dos pacientes pediátricos; favorecimento da relação de profissionais e estudantes com os pacientes e, até mesmo, dos pacientes uns com os outros (SATO et al., 2016, p. 128).

São muitas as contribuições elencadas na arteterapêutica do estresse inerente tanto à doença, quanto à internação, sejam com crianças, adolescentes, jovens ou adultos.

Os estudos de Catapan, Oliveira e Rotta (2019) apresentam várias conclusões atestando a pertinência e o vigor terapêutico dos chamados palhaços-doutores: poder de diminuir dores; ameniza a necessidade de brincar; melhora a recuperação clínica das crianças, inclusive em relação a sintomas; elas ficam calmas, felizes, mais fortes, autônomas, bem-humoradas, alegres, criativas; capaz de reduzir a ansiedade de crianças e pais; compartilhamento e empatia de olhares, emoções, divertimento e desenvolvimento psicossocial.

Enfim, estes autores também registraram que o impacto das soluções inusitadas dos palhaços é direto e positivo sobre todas as pessoas do hospital – não o sendo em raras exceções, já que não são unanimidade -, mas sobretudo nas crianças que ficam envolta no reino mágico e contagiante da alegria, que a faz mudar o foco da doença, gerando alívio do distanciamento do ambiente familiar e experimentar uma internação emocionalmente divertida.

Relatos positivos sobre os benefícios dessa convivência lúdica com o palhaço de hospital feito por acompanhantes de pacientes internados, pais ou parentes, foram registrados nos estudos de Ribeiro, Pinheiro, Araújo e Akeman (2014, p. 78) sobre ludoterapia com criança hospitalizada: “Os mesmos relatam que o encontro com o palhaço lhes proporciona um momento de descanso e de recuperação de todo o estresse já vivido no hospital”. Logo, esses benefícios são a saúde pelo riso.

O teatro Clown no ambiente hospitalar, portanto, cumpre sua missão voluntária e solidária de humanizar o atendimento assistencial à saúde, colocando-se de forma segura, fundamentada e capacitada como terapia auxiliar em prol da saúde integral.

2.3 Breve contexto da arteterapia

A linguagem circense não foi a primeira técnica a ser usada como arteterapia no Brasil nos hospitais, que de forma específica iniciou na área psiquiátrica.

Grosso modo, a invenção da arte como meio de terapia se dá na clínica de saúde mental, usando os recursos de pintura, desenho, modelagem e outras técnicas.

“A arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e a seu cliente, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e retrabalha-los através da própria atividade artística”, assim se expressa Reis (2014, p. 143) a respeito da relação entre arte e terapia.

Esta relação vislumbra uma força criadora diante da vida, logo, também na busca da saúde, visto que a arte é a manifestação do fazer humano para satisfazer seus sentimentos (HERBERT HEAD, 2001), expressa por várias linguagens – artes visuais, música, dança e teatro - e, comunicando a mais pura feição da alma humana.

Acessar sentimentos, criatividade, conteúdos emocionais da alma humana é isso o que a arte faz decerto, e o teatro Clown assim o atua por meio do humor, do divertimento.

A arteterapia usa a atividade artística como instrumento de intervenção profissional para a promoção da saúde e a qualidade de vida, abrangendo hoje as mais diversas

linguagens: plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança (REIS, 2014, p. 143).

Quando o teatro clown entra em cena como uma técnica de arteterapia no Brasil na década de 1990, esta deixa de ser exclusividade da área de saúde mental para alcançar a abrangência dos hospitais, como foi explanado acima.

Valladares e Fussi (2003) compreendem a arteterapia como um processo de estímulo à criatividade, estímulo essencial para o sujeito expressar e comunicar seus pensamentos e emoções, capaz de fazer diminuir sua ansiedade.

Importa ressaltar que os palhaços-doutores trabalham com o estímulo à criatividade e a expansão das emoções, por meio da palhaçada como auxiliar na terapia da ansiedade, obtendo importantes resultados.

De fato, atualmente, a arteterapia ultrapassou as portas das clínicas de saúde da mente, mas seu histórico demonstra suas raízes a partir desses estudos.

De forma sintética, o histórico a seguir apresenta importantes contribuições teóricas e práticas para o desenvolvimento da arteterapia.

Reis (2014) afirma que a arteterapia como campo específico iniciou seu desenvolvimento nos anos 20 e 30 com as teorias de Freud e Jung.

Freud (1856-1939) não trabalhou a arte no processo psicoterapêutico, contudo, seus estudos sobre o inconsciente o levou a concluir que este se expressa por imagens análogas às imagens de sonhos. Ideia que associou às imagens artísticas como acesso livre ao inconsciente, dada sua comunicação simbólica, inclusive com função catártica, conforme análise da obra Moisés, por exemplo, onde apontou manifestações inconscientes de seu autor, Michelangelo (REIS, 2014).

Diferente de Freud, Jung (1875-1961) desenvolveu a teoria Psicologia analítica, e, reconheceu a criação artística como “função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas” (SILVEIRA, 2001 apud REIS, 2014, p. 146).

Foi Jung o primeiro a realizar psicoterapia com a mediação da arte, quando pedia a seus pacientes para criarem desenhos livres, de sonhos, sentimentos, situações conflitivas, entre outros, passando a analisá-los como uma simbolização do inconsciente individual e coletivo (REIS, 2014).

A contribuição teórica desses mestres, no todo mais profundas, alavancou o progresso da arteterapia, que foi sistematizada por Margareth Naumburg (1890-1983) com a criação de sua abordagem Arteterapia de Orientação Dinâmica (REIS, 2014).

Naumburg foi considerada a fundadora da arteterapia ao contribuir com a metodologia de técnicas de arteterapia. Sua base foi a teoria freudiana, seguindo seu modelo de interpretação. As técnicas da expressão em imagens “visavam a facilitar a projeção de conflitos inconscientes em representações pictóricas, sendo esse material submetido à interpretação” (REIS, 2014, p. 145).

Reis (2014) apresenta dois expoentes da arteterapia no Brasil, Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), que realizaram seus trabalhos no campo da psiquiatria, influenciados pelas linhas teóricas de Freud e de Jung.

Foram os precursores de um movimento de humanização do tratamento de doentes mentais, oferecendo um método alternativo àqueles usados na época, pois ao eletrochoque e isolamento contrapuseram a experiência da arte e sua expressão artística de forma terapêutica (VALLADARES ; FUSSI ; 2003 ; REIS, 2014).

Valladares e Fussi (2003) citam que desde os anos 20 Osório César estudou e trabalhou (por 40 anos) no Hospital Psiquiátrico de Juqueri, de São Paulo, onde introduziu trabalhos com desenhos, modelagem e artesanato, e outros.

No campo teórico é relevante citar sua obra principal a Expressão Artística nos Alienados, publicada em 1948, explanando seu método de classificação e de análise de obras de arte de seus pacientes, no trabalho com artes, porém, foi criticado pela espontaneidade, e pela crença de que a experiência interior do fazer artístico já levava à cura psicótica (REIS, 2014).

Por outro lado, Reis (2014) registra sua grande contribuição e reconhecimento: A abordagem freudiana de arte na análise da expressão psicopatológica lhe colocou como um importante nome na formação do campo da Psicologia da arte no Brasil, na história da arteterapia, e, também na valorização da arteterapia, dado seu trabalho prático de exposições (mais de 50) da expressão artística de doentes mentais.

Nise da Silveira tem uma história muito vasta e contundente no exercício da antipsiquiatria e da arteterapia ao longo de sua carreira profissional.

Um dos marcos de seu trabalho foi a criação do Museu de Imagens do Inconsciente no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, que se tornou um dos acervos mais importantes do mundo, e demonstrou a eficácia das artes no mundo da psiquiatria (VALLADARES ; FUSSI, 2003).

Sobre o método de Nise, Valladares e Fussi apresentam um resumo:

O método de trabalho, no Museu do Inconsciente, constitui principalmente o estudo de imagens decifráveis, imagens com desdobramentos no processo intrapsíquico, imagens em série. As obras mostram os problemas da contraposição do psiquismo dos indivíduos com a moral social introjetada e fazem um paralelo das obras dos pacientes-artistas com a teoria junguiana e a mitologia (VALLARES ; FUSSEI, 2003, p. 8).

Importante notar que esse Museu era um verdadeiro núcleo de pesquisa em esquizofrenia, onde “a função terapêutica da arte era permitir a expressão de vivências não verbalizáveis por aqueles que se encontravam imersos no inconsciente” (REIS, 2014, p. 110) na busca da cura, como explicava a médica que não aceitava ter seu trabalho chamado de arteterapia.

A partir da década de 1980 a arteterapia começou a ser sistematizada no campo específico da Psicologia, com a implantação do primeiro Curso de Arteterapia no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, criado pela psicóloga e professora Maria Margarida M. J. de Carvalho (REIS, 2014, p. 147).

A arteterapia, portanto, possui história, fundamentos teóricos e práticas que vão se ramificando em várias direções na atualidade, especialmente fora da clínica, como é o exemplo do teatro Clown na atuação da humanização dos hospitais em geral.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este trabalho é de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa para obtenção dos objetivos propostos. Segundo Silva e Menezes (2001, p. 21) “através deste tipo de estudo, o pesquisador tem a possibilidade de se familiarizar com o problema, buscando torná-lo explícito”. Para isso, faz uso de levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tenham ou tiveram experiências práticas com a questão a ser investigada e análises dos discursos. Após esta etapa, o pesquisador assume a posição de descritor das características da população e do fenômeno, estabelecendo as relações entre as variáveis encontradas no período de análise dos dados colhidos.

Ainda na visão destes autores, a abordagem qualitativa aplicada à pesquisa científica gira em torno da relação entre a objetividade e a subjetividade, ou seja, analisa a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados para eles. Portanto, trabalha com parâmetros que não são possíveis de serem descritos e/ou traduzidos através de pesquisas quantitativas, uma vez que a fonte direta para a coleta de dados é o próprio ambiente natural.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, foram utilizadas as bases a seguir: Scielo, Portal da CAPES, BDTD, Scopus, uBibliorum, Attena da UFPE, base de dissertações da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal do Ceará, Biblioteca Virtual da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Google Books e Google Acadêmico.

Durante a pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: Teatro Clown, Lúdico, Brinquedo Terapêutico, Brincar, Doutores da Alegria, Arteterapia, Hospitalização e Câncer Infantil.

Sendo assim, foram utilizados 24 artigos com referência geral ao tema. Destes, 22 em português e 2 em inglês, por atenderem o critério de inclusão durante a pesquisa, embora somente os selecionados para serem usados no corpo do texto ficaram na lista de referências

Vale ressaltar que houve certa dificuldade em encontrar trabalhos científicos relacionados, sendo que boa parte deles, corresponde a artigos científicos. Em decorrência disso, foram utilizados periódicos manuais e dissertações que pudessem atender os objetivos do trabalho,

Quanto a quantificação de livros usados durante a elaboração do trabalho fica inviável saber, pois a cidade está vivenciando um momento de pandemia e por este motivo a utilização de livros em formato físico não foi possível, só os de casa.

Os critérios de inclusão estabelecidos para esta pesquisa foram publicações na íntegra com acesso livre; nos idiomas Português e Inglês com data de publicação entre os anos de 2000 a 2016. Todas as buscas foram realizadas no período de fevereiro a junho de 2020. Deu-se preferência por publicações mais atuais, entretanto, publicações mais antigas foram citadas conforme percebida a sua relevância significativa para o estudo.

Portanto, esta pesquisa, como trabalho teórico, foi essencialmente reflexiva e sistematizada pela abordagem lógica do diálogo com os autores.

4 O TEATRO CLOWN E O ALÍVIO DA ANSIEDADE DE CRIANÇA EM TRATAMENTO DO CÂNCER

Os conceitos de saúde e doença não possuem definição universal, estão inseridos na concepção conjuntural de um povo situado no tempo e no espaço, retratando os aspectos social, cultural e econômico e político (CATAPAN, 2017).

Não se trata de atestar a ausência de saúde ou de doença como era corriqueiro expressar, mas compreender de forma flexível a saúde como um estado de bem-estar

multidimensional, ou seja, físico, emocional e social, e, a doença como a situação ou estado de desconforto físico, emocional e social, agudo ou crônico (ALBUQUERQUE ; OLIVEIRA, 2002).

É importante frisar que essa visão geral do processo saúde-doença é uma concepção ampliada, pois leva em consideração a causa da doença ou a manutenção da saúde em seus múltiplos aspectos, podendo ser decorrentes de fatores biológicos, sociais ou psicológicos, separados ou juntos.

Entretanto, nem sempre se pensou assim. Conforme Catapan (2017) na Antiguidade e na Idade Média prevalecia a causalidade divina das doenças, dentro de uma visão mágico-religiosa que definia doença como um fenômeno sobrenatural, cuja cura dependia exclusivamente da fé na divindade.

Mesmo sendo uma postura muito criticada já no tempo do chamado pai da medicina ocidental, Hipócrates (460 - 377 a.C.), e principalmente por ele, esta visão ganha contornos ainda hoje no Brasil entre o senso comum.

No caso da doença específica deste estudo, o câncer, a definição foi buscada no dicionário de termos médico para um direcionamento da compreensão sobre o assunto de forma direta.

Câncer ou cancro é um tumor, também conhecido como neoplasia maligna. Possui as seguintes características: engloba vários tipos, invade tecidos vizinhos, quase sempre fazendo metástase, e recidiva quando ressecado. Outra característica está situada na grande categoria de carcinomas ou sarcomas, dependendo o tipo celular originário (INFOPÉDIA, 2014).

O Instituto Nacional do Câncer – INCA amplia a compreensão de câncer infantil apresentando várias informações: 1. Refere-se a um grupo de doenças; 2. Nelas ocorre a proliferação descontrolada de células anormais; 3. Não tem local específico para correr no organismo.

O INCA ainda lista os cânceres infantis de maior incidência, que são: leucemias, tumores do sistema nervoso central e linfomas. (BRASIL, 2015).

Os cânceres que acometem crianças e adolescentes aqui chamados de câncer infantil, num sentido geral são de menores incidências em comparação com neoplasias malignas dos adultos, é o que afirmam Silva et. al., em especial quando apresentam a porcentagem: “O câncer infantil corresponde de 2% a 3% de todos os tumores no Brasil e, na América Latina, representam de 0,5% a 3% do total de todas as neoplasias malignas (SILVA et al., 2012).

“A condição de hospitalização desempenha um papel importante na manutenção da saúde de crianças enfermas. No entanto, nessa situação podem surgir condições que

dificultam a adaptação a esse contexto” assinalam Aragão e Azevedo (2001, p. 34), como por exemplo, o estresse provocado pela internação e pela doença.

A hospitalização em si, por conseguinte, guarda aspectos positivos e negativos. Exemplo de seu efeito negativo ocorre quando a criança manifesta um alto nível de sofrimento emocional e físico, possivelmente capaz de criar:

[...] ameaças reais ou imaginárias, que podem ser expressas através do medo de médicos, choro, agressividade, dependência, ansiedade, depressão, distúrbio do sono, evitação dos procedimentos médicos e outras formas de respostas (Domingos ; 1993 apud ARAGÃO ; AZEVEDO, 2001, p. 34).

Este quadro relatado na citação acima mostra as manifestações da fragilidade emocional de quem já está debilitado fisicamente, o que possibilita imaginar essa situação potencializada em uma criança acometida de câncer.

Com efeito, embora a frequência do câncer infantil não seja tão grande em relação ao câncer adulto, considerado até mesmo raro, porém, de modo geral, é crível que o sofrimento seja na mesma proporção, quanto à doença ensejar perigo de vida, ser estigmatizada e de tratamento agressivo, implicando em possíveis danos psicológicos graves (BARLATTI ; SORDI ; MURILHA, 2014).

Estes autores lembram que na perspectiva de saúde é preciso um tratamento adequado em centros especializados para evitar a evolução da doença e reverter casos de danos psicológicos, principalmente nas crianças, que longe de uma vida rotineira e espontânea dentro de casa, devem sentir sobremaneira as formalidades e mecanicismo do ambiente hospitalar, dependendo mais ainda do amparo da família.

Com base nisso e na ideia de que “a arquitetura pode ajudar a acelerar o processo de cura, alívio do stress, do medo e da ansiedade durante a hospitalização” estes autores propuseram um Projeto de um centro oncológico infantil para o município de Ourinhos (SP) visando “a humanização de um centro oncológico infantil e contribuir para o tratamento” (BARLATTI ; SORDI ; MURILHA, 2014, p. 1).

Dessa maneira é lícito afirmar que exames e remédios por si sós não são suficientes para o sucesso do tratamento, a arquitetura dos espaços bem planejados influencia e contribui no processo de cura e no alívio dos possíveis males causados por uma internação, principalmente de crianças diagnosticadas com câncer, pois às vezes o hospital será sua “segunda casa”, conforme os autores acima.

Nesse sentido o hospital e o ambiente hospitalar, e tudo o que eles representam na prática diária, possuem grande responsabilidade quanto à dignidade do tratamento do câncer infantil, considerando-o uma doença que atinge os aspectos biológico, social e psicológico da criança, por isso, causador de desgaste físico e emocional.

Esta maneira de pensar, sentir e viver o hospital facilita as formas de integração e relações sociais desejáveis dentro dele.

Castro e Bornholdt (2004, p. 48-49) explicam que “enquanto saúde se refere a um conceito complexo relativo às funções orgânicas, físicas e mentais, hospital diz respeito a uma instituição concreta onde se tratam doentes, internados ou não”. Uma instituição de concreto, com arquitetura adequada para receber doentes, adultos ou infantis. Mas o hospital também é uma instituição com formalidades e protocolos inerentes a sua função, como é público e notório, que seguindo ainda o modelo biomédico, via de regra, não se enquadra num lugar humanizado.

Por outro lado, um lado essencial, o hospital é um lugar de cuidar de gente, e gente doente, que precisa de maior atenção, precisando honrar a função básica para a qual foi pensado e reestruturado a partir do século XVII, como exposto acima.

De fato, o ambiente hospitalar, em geral, está longe de ser um ambiente acolhedor para a criança doente internada, é um ambiente novo e com pessoas estranhas a ela, com ruídos pouco familiares e funcionamento diferente da sua casa.

Enfim, algo desconhecido e muito grande para ela (ESTEVES ; ANTUNES ; CAIRES, 2014).

O ambiente hospitalar pode parecer assustador também por causa dos móveis e aparelhos, e vestuário de visão e audição distante da realidade cotidiana, tais como, “[...] aparelhos computadorizados, as luzes que piscam... as transfusões de sangue [...] roupas brancas e comportamentos estereotipados... os tubos e as máscaras de oxigênio que dificultam se movimentar e ultrapassarem sua condição de paciente” é o que expressa Masetti (1998 apud ESTEVES ; ANTUNES ; CAIRES, 2014, p. 3)

Masetti (1998 apud ESTEVES ; ANTUNES ; CAIRES, 2014) vai mais além quando afirma que a criança hospitalizada perde a sua função de ser criança, dada a experiência de estar sem suas roupas, sem seus brinquedos, e sem o espaço do brincar, sem seu ambiente familiar, desse modo, o hospital torna-se um ambiente opositor, gerando uma sensação de desamparo.

Conforme Esteves, Antunes e Caires (2014) a inadequação do ambiente hospitalar, especialmente numa pediatria oncológica, pode gerar comportamentos regressivos, fobias, pesadelos, alterações na socialização, apatia, entre outros.

Esta situação de estresse psicológico, gerando ansiedade, depressão e outros distúrbios, exposta pelos autores supracitados enseja o cuidado redobrado na superação dos impactos da hospitalização, reclamando ajuda da psicoterapia e de arteterapia, especialmente pelo viés do teatro Clown, assunto desta pesquisa.

Esses adoecimentos psicossociais, portanto, são oriundos do tratamento de doença em ambiente hospitalar, devido a especificidade da função e gestão desse ambiente, levando desconforto ao sujeito desse tratamento.

No caso de criança parece acontecer uma ruptura radical da sua vida de antes da hospitalização, longe de casa, da escola, dos coleguinhas, dos familiares, das brincadeiras, dos passeios, dos aconchegos, enfim, com privação de seu mundinho.

Como foi colocado, convém ressaltar a necessidade de se minimizar os impactos psicológicos de quem com tão pouca idade está lutando para salvar sua vida, por isso, em primeiro lugar é chegar a um ambiente centrado, organizado e pensado para a criança e para seus acompanhantes, que seja acolhedor e que a reaproxime de seu mundinho.

Um lugar com uma arquitetura funcional e maravilhosa, detentor de espaços temáticos, ambientes diferenciados, salas de estudos, ludoterapia, jardim central e muitas formas e cores (BARLATTI ; SORDI ; MURILHA, 2014).

Com esse lugar atraente, humanizado e disponível, o outro fator essencial é a equipe técnica e profissional da saúde, respeitadas as exceções, também humanizada e humanizadora, em conjunto com os palhaços-doutores, efetivando as melhores condições de estada hospitalar, mínimo impacto psicossocial e recuperação da saúde.

Os desafios são pertinentes e possíveis.

4.1 Abordagem lúdica no contexto hospitalar

O universo infantil é permeado pelo brincar, pelo lúdico. Nele, o brincar faz a mediação da aprendizagem de conceitos, por meio dos quais a criança se apropria de seu ambiente, vai descobrindo e conhecendo as formas de agir nesse mundo exterior, desenvolvendo linguagens de comunicação, expressão e relações sociais e interpessoais (ARAGÃO ; AZEVEDO, 2001).

É nessa prática lúdica de brincadeiras e jogos, em suma, que a criança experimenta, interage e apreende o mundo, aprendendo a viver, em que o brinquedo é o grande elo da diversão, da imitação, da facilidade de cantar, dançar, criar e amar.

Ribeiro et al. (2014) corroboram esse pensamento quando discutem a ludicidade da criança espelhada pelo seu mundo imaginário, em que brinca com fantasias, emoções e desejos de forma relaxada, evidenciando a importância do brincar, tanto para seu bem-estar físico, quanto psicossocial.

A criança hospitalizada está parcial e provisoriamente privada de sua forma rotineira e espontânea de brincar, porém não significa que este deixou de ser essencial para ela, pois pode dele se beneficiar mesmo nas situações mais adversas e estressantes, quando precisa de relaxamento e compreensão de sua situação, destacam Aragão e Azevedo (2001), Esteves, Antunes e Caires (2014).

A vertente da concepção da criança como ser social de direitos realça a importância da humanização dos hospitais, como já foi demonstrado anteriormente, e de um espaço lúdico para, onde possa exercer tranquilamente o direito de brincar.

Para Esteves, Antunes e Caires (2014), e Catapan (2017) um grande passo foi dado nessa direção com a formalização da humanização como Política Nacional de Humanização, embora muito ainda tenha que ser feito para a promoção do bem comum dos usuários, dos profissionais e dos funcionários do sistema de saúde.

Por outro lado, estes autores também citam a garantia de um dos cuidados pediátricos pela Lei nº 11.104, de 24 de março de 2005, que obriga a instalação da Brinquedoteca Hospitalar em unidades de saúde que atendam em regime de internação, e a presença de um educador para dinamizar esse espaço.

A brinquedoteca é um espaço lúdico organizado e centrado para a criança, e deve ser repleto de materiais, jogos de mesa e brinquedos em geral, em que ela possa exercitar o brincar, e com isso recriar o mundo e a situação em que está vivendo, desenvolvendo, adequando e expressando o seu conhecimento (RIBEIRO et al., 2014). E é também uma técnica de ludoterapia muito apropriado para hospitais.

A ludoterapia se apresenta como método de tratamento por meio de jogos e brincadeiras que permita à criança a interação com o mundo mediado pelo brinquedo, físico ou imaginário. Nos hospitais é um meio auxiliar de terapia voltada para o psicossocial, de acordo com os estudos de Ribeiro et al. (2014), que sintetizam um rol de suas técnicas:

Em síntese, as técnicas de ludoterapia mais aplicadas nos hospitais, a saber, são: a brinquedoteca, onde há recursos como vídeos, brinquedos e jogos, a musicoterapia com relevante benefício no desenvolvimento da criança, a leitura de historinhas, apresentações teatrais e números de mágica, são técnicas que contribuem para a recuperação e restauração da criança hospitalizada (RIBEIRO et al., 2014, p. 73).

A intervenção das técnicas lúdicas, utilizadas conforme a faixa etária da criança, efetivam benefícios visíveis na alteração de quadros de ansiedade, por exemplo, o estudo no Hospital das Clínicas de Porto Alegre apresentado por Ribeiro et al. (2014), no qual se verificou a aplicação da Escala de Ansiedade Pré-operatória de Yale modificada (Modified Yale Preoperative Anxiety Scale, mYPAS).

As pesquisas sobre ansiedade das crianças hospitalizadas são cada vez mais frequentes demonstrando os impactos positivos das intervenções lúdicas, com destaque para a arteterapia do teatro Clown, objeto desta pesquisa.

Ainda de acordo com estes autores a brinquedoteca é o ambiente lúdico importante para a criança praticar as técnicas e as formas de brincar, exemplificando-as em: arteterapia, dramatizações, musicoterapia, brinquedos diversos e educativos, atividades especiais e comemorações de datas festivas.

Nesse sentido, a arteterapia do teatro Clown é uma das técnicas do fazer lúdico de êxito que pode atuar na brinquedoteca enquanto espaço próprio e diferenciado, ou na enfermaria pediátrica diretamente.

Os palhaços-doutores usam para a sua atuação todo o aparato disponível.

4.2 A atuação do teatro Clown no enfrentamento da Ansiedade

“Ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho” (CASTILLO et al., 2000, p. 20).

Refletindo sobre esta definição é possível perceber que o medo e a tensão causados pela sensação de perigo iminente são exemplos de emoções que deixam quem as sentem, por tratar-se de um sentimento vago, presa fácil aos sobressaltos das sensações desagradáveis constantes, que de certo leva ao sofrimento.

O que chama a atenção é o fato de ser um sentimento vago, do qual a pessoa não tem consciência, desconhece.

Conforme Farias (2016, p.75) “A ansiedade é uma patologia, mais conhecida como transtorno e está agrupada entre os transtornos psiquiátricos, como estresse e fobia. Pode se manifestar de dois modos: transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e/ou de ansiedade social, obsessivo-compulsivo, o falado TOC”.

Batista, Carvalho e Lory (2005, p. 2) por sua vez, conceituam a ansiedade como perturbações hipoansiosas e hiperansiosas. Em comparação ao medo, uma emoção básica que

depende de um estímulo desencadeador externo para existir causando um comportamento de fuga ou evitação, “a ansiedade é o estado emocional aversivo sem desencadeadores claros que, obviamente, não podem ser evitados”.

Resposta a situações de mudança e adaptação de diferentes graus de desajustes, a ansiedade é um estado emocional desagradável e tenso devido a uma ameaça real ou antecipada, “acompanhado por sintomas de ativação fisiológica, como, por exemplo, palpitações, dificuldades em respirar, tonturas, suores, sensações de calor e frio ou tremores” (BATISTA ; CARVALHO ; LORY, 2005, p. 2).

Esses sintomas vão progressivamente minando o corpo e a mente, se não houver tratamento o mais breve possível, podendo desencadear sérios sofrimentos.

Por outro lado, estes autores, Batista, Carvalho e Lory (2005, p. 3), apresentam a teoria bio-informacional das emoções destacando que “elas podem ser tendências ou disposições para a ação e é assumida uma estrutura motivacional que varia da aproximação à fuga ou do apetite à defesa”.

Sem explorar os detalhes é importante notar que a ansiedade possui o seu aspecto motivacional, e, se usada dentro de uma escala de equilíbrio pode resultar benéfica. São experiências com a função específica de preparar o indivíduo para enfrentar situações de ameaça e perigo. Mas se elevado o nível deve ser patológico.

O Protocolo da Rede de Atenção Psicossocial, baseado em evidências, para o acolhimento e o tratamento de transtornos de ansiedade generalizada (2015, p. 1) define este tipo de ansiedade assim: “O transtorno de ansiedade generalizada (TAG) é uma situação comum, caracterizada por preocupação excessiva e crônica sobre diferentes temas, associada a tensão aumentada”.

Seus sintomas são variáveis e de acordo com este documento os essenciais são: nervosismo persistente, tremores, tensão muscular, transpiração, sensação de vazio na cabeça, palpitações, tonturas e desconforto epigástrico.

Esses sintomas são de ordem psicossomáticas e ultrapassaram sua função natural. E um dos exemplos citados é importante: Medos de que o paciente ou um de seus próximos irá brevemente ficar doente ou sofrer um acidente são frequentemente expressos.

As crianças doentes de câncer, bem como seus familiares, respeitadas as diferenças, podem sofrer desse medo, mas quanto ao falecimento pela doença.

Ainda segundo este protocolo, o tratamento deve ser oferecido logo que possível, e pode ser feito com abordagem orientadora, farmacoterapia, psicoterapia ou combinação de ambos.

De modo geral, os hospitais de tratamento oncológico possuem serviços de atendimento da saúde mental e oferecem a psicoterapia.

Em combinação e reforço deste tratamento recomenda praticar métodos de relaxamento diários para reduzir os sintomas físicos de tensão e envolver-se em atividades prazerosas e exercícios físicos.

Estas recomendações coadunam-se com as práticas lúdicas do brinquedo e do riso realizadas pelo teatro Clown nos hospitais, que são prazerosas e estimulantes da vida saudável.

Faria, Gomes e Magalhães (2016, p. 4) expondo a etiologia da TAG afirmam: “A causa do TAG não está amplamente conhecida. Acredita-se que fatores psicossociais e biológicos estão envolvidos e operam em conjunto, na maioria das vezes, sendo um não excludente do outro”.

Com efeito, esta pesquisa verificou que o câncer infantil desencadeia sofrimento da ordem de fatores psicossociais e biológicos, minando ou ameaçando a saúde física e mental. E também a hospitalização provoca mal-estar dessa ordem.

Para enfrentar os sintomas de ansiedade das crianças com câncer o teatro Clown atua como terapia auxiliar aos tratamentos convencionais, médicos ou psicológicos, através da ludicidade do humor, do brinquedo, do jogo, da interação, da mágica, da música e do improviso e várias outras técnicas que as cuide com afeto, alegria e muito divertimento em prol de sua saúde, eliminando a ansiedade.

A máscara do Clown em si já é uma fonte de alegria que ajuda o corpo da criança a relaxar, se soltar, levando-a a interagir, distrair-se, criar e recriar o seu mundo sob novas perspectivas, fora do medo e da ansiedade doentia.

Para finalizar esta sessão um significativo exemplo será transcrito do artigo de revisão da literatura sobre Palhaçoterapia em ambiente hospitalar como forma de atestar a importância da terapia auxiliar do teatro Clown no combate à ansiedade (CATAPAN ; OLIVEIRA ; ROTTA, 2019, p. 32):

A indução da anestesia, apontam Vagnoli et al., é um dos momentos mais estressantes para uma criança submetida a cirurgia sendo que altos níveis de ansiedade foram identificados como preditores de problemas pós-operatórios, que podem persistir por seis meses após o procedimento.

E continuam:

Alguns trabalhos recentes utilizaram ensaios clínicos com grupos de controle para comparar os efeitos da palhaçoterapia e apontaram significativa diminuição nos níveis de ansiedade pré-operatória em crianças. Dois deles afirmam que a palhaçoterapia é mais eficaz inclusive do que a administração de midazolam para reduzir essa ansiedade.

Portanto, fica provado que o poder do humor e da brincadeira do teatro Clown como terapia auxiliar é eficaz para diminuir a ansiedade da criança hospitalizada. Considerando, assim, por analogia que essa terapia do teatro Clown também resulta benéfica para auxiliar a combater a dor e o sofrimento psicofísico e social de criança com câncer.

5 O TEATRO CLOWN COMO TERAPIA AUXILIAR VOLTADA AOS DOENTES DE CÂNCER INFANTIL

O teatro Clown é uma das técnicas da arteterapia e sua atuação se configura como uma terapia auxiliar também no tratamento do câncer infantil, especialmente em relação aos males psicossociais advindos da internação e das formas de tratamento convencional.

A criança diagnosticada com câncer tem na hospitalização uma condição de tratamento na busca da cura ou alívio da doença, como explanaram Aragão e Azevedo (2001). Esta condição não a difere de outras crianças que precisam de internação para se recuperarem de alguma outra doença menos estigmatizada.

Entretanto, os estudos de Silva et al. (2012) demonstram que o problema de impacto para a população é o fato de o câncer infantil possuir um comportamento agressivo e até mesmo letal.

Esses fatores “agressivo e letal” do câncer normalmente acarretam uma série de manifestações emocionais adversas para a criança e para a família, que se somam a tantos outros distúrbios psicossociais oriundos da estada no hospital, de acordo com o que foi verificado acima (CATAPAN ; OLIVEIRA ; ROTTA ; 2019 ; SATO et al., 2016).

Com o objetivo de integrar as relações sociais e afetivas desses pacientes e acompanhantes como forma de alívio às suas dores, centenas de grupos de palhaços-doutores voluntários distribuídos pelo Brasil e pelo mundo atuam na assistência lúdica de crianças com câncer, na ação da arteterapia do teatro Clown (RIBEIRO et al., 2014; MOURA JÚNIOR ; GODOY ; MEDEIROS, 2018 ; CATAPAN, OLIVEIRA ; ROTTA, 2019).

Moura Júnior, Godoy e Medeiros (2018) destacam o trabalho voluntário dos palhaços-doutores, pois privilegiam o sujeito visando compreender as particularidades e subjetividade de cada um, espalhando, dessa forma, sensibilidade e humanização por meio do brincar.

Os estudos destes autores concluíram que na ação destes Clowns voluntários existe firme engajamento e dedicação, uma verdadeira opção de vida, nada material ganham em troca, realizam pura Doação.

Seu tempo, seu abraço, a brincadeira que faz, a música que toca e/ou canta, a escultura em balão etc. tudo é doado, observaram estes autores.

Esta postura levada às enfermarias infantis oncológicas se traduz em um verdadeiro bálsamo de alívio para dores, tristezas, ansiedades, medos, depressões etc. São doutores diferentes que tocam o íntimo de forma positiva. Nesse sentido, o teatro Clown é uma arteterapia que funciona como terapia auxiliar para o tratamento convencional, seja médico ou psicológico.

Quando a criança hospitalizada com câncer começa a apresentar emoções que expressam sofrimentos pelo medo de algo de perigoso acontecer, de sempre esperar alguma coisa que não sabe se é bom ou é ruim. E quando tudo isso mostra uma criança acuada, carente e dependente, tudo indica que ela está com alto nível de ansiedade, precisando ter um tratamento auxiliar imediato com o teatro Clown, a terapia do riso, a palhaçoterapia, os palhaços-doutores ou outros nomes dados a esta arteterapia (CATAPAN ; OLIVEIRA ; ROTTA, 2019).

5.1 As técnicas do teatro clown auxiliam na qualidade de vida da criança com câncer

A criança acometida de câncer necessita de acompanhamento psicológico constante devido a seus efeitos biológicos e psicossociais, aos efeitos colaterais dos remédios e aos decorrentes da hospitalização, que podem gerar uma série de doenças psicossomáticas.

Contudo, além da psicoterapia, a criança com câncer recebe a terapia auxiliar do teatro Clown dosada no riso e no lúdico para apoiar-la e fortalece-la, visando diminuir seu sofrimento físico e psíquico.

E os Clowns conseguem realizar esse auxílio emocional de acordo com Moura Júnior, Godoy e Medeiros (2018, p. 125) porque apresentam um personagem alegre que “[...] traz consigo novas formas de ver e sentir, [...] brinca com a condição atual do indivíduo internado, assim rompe com o real e permite àquele que está acamado, adoecido e triste uma oportunidade de rir e fantasiar diante de uma situação [...]”.

Para Ribeiro et al. (2014) os Clowns se apropriam e treinam uma variedade de técnicas, formando um repertório, usado nos hospitais conforme a necessidade e o ambiente adequado.

Como exemplo cita: técnicas musicais, fantoches e marionetes, mágicas, mímica, truques, malabares e leitura de histórias.

Essas técnicas garantem o bom humor, a brincadeira, o riso solto, que geram relaxamento do corpo e da mente e liberam os hormônios da felicidade, por isso ajudam no efetivo bem-estar necessário a uma boa qualidade de vida.

Estas técnicas também demonstram o processo de interação do Clown com a criança com câncer, e dela mesma com o domínio de seu corpo, podendo inclusive criar uma nova perspectiva tanto sobre a doença, quanto sobre sua recuperação.

Tais iniciativas contribuem para uma possível melhora do humor que é um ponto crucial para transpor traumas ligados aos processos de interação e a recuperação da alegria.

O câncer é uma patologia cuja terapia muitas das vezes têm longa duração. Com a atividade de Clown nos hospitais, os pacientes se veem em um ambiente de entretenimento e diversão onde o sorriso já tão esquecido devido o dia a dia do tratamento e suas reações, é recuperado.

Enquanto arteterapia o teatro Clown é um recurso terapêutico baseado na diversidade de expressão e de comunicação, por isso as crianças sentem-se livres para expressem medos, dores, angústias, limitações, enfim, tudo o que lhes incomoda, realizando uma espécie de limpeza emocional nesta terapia alternativa.

O teatro Clown em algumas ocasiões também usa a técnica do brinquedo terapêutico como estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças, alcançando reais benefícios na área da enfermagem (RIBEIRO et al., 2014).

As atividades lúdicas realizadas pelo teatro Clown são apontadas como “positivas para a recuperação do processo saúde doença da criança [...] porque melhora o humor, [...] minimiza os efeitos negativos da internação, [...] diminuem a ansiedade e o choro, aumentam o apetite e melhoram a adesão ao tratamento”. (RIBEIRO ET AL. 2014, p. 76).

Como se pode notar há um grande ganho dessa terapia alternativa para a qualidade de vida da criança acometida com câncer, pois os efeitos positivos apontados são tanto de ordem física quanto de ordem psíquica, revelando que a terapia auxiliar funciona e precisa ser estendida a todas as enfermarias pediátricas que cuida de câncer.

Segundo esses estudos há, de fato, modificação fisiológica implicando em aumento da imunidade, logo, na melhora global. Então, a criança experimenta vários tipos de sensações benéficas, tais como, segurança, conforto e, como foi dito acima, melhora a aceitação do tratamento, fator de grande alcance para a recuperação.

O teatro Clown como terapia auxiliar baseada no divertimento produz resultados valiosos para a criança como ser integral. Logo, é um forte aliado da cura também, pois a melhoria das condições de afeto altera tudo para melhor.

A atenção e o cuidado são essenciais para pessoas acometidas de câncer quando hospitalizadas, principalmente para as crianças, que precisam de forma redobrada. Isso não quer dizer que a família, os parentes e amigos não o façam, ao contrário. Significa apenas que esse cuidado, essa atenção que aumenta o potencial de melhora física e emocional está à disposição em muitos hospitais, mesmo porque na maioria das vezes a família se encontra também fragilizada, precisando ser cuidada, e o é quando participam dos encontros da arteterapia do Clown.

Ainda segundo Mata, Henriques e Silva (2019, p. 3) “o palhaço, nos espaços de saúde, é cuidado [...]. O palhaço permite ao sujeito experienciar o cuidado, viver o cuidado, ser cuidado, permite olhar para o outro sem os preconceitos [...]”.

Esse tipo de postura do Clown é o profundo fundamento que o faz povoar o imaginário de crianças e adultos ainda hoje, mesmo sendo ele um elemento subversivo da ordem, mas não de forma negativa, e sim como agente transformador de ambientes, por isso, com o cuidado, empatia, brincadeiras, bom humor ressignifica o ambiente hospitalar, de forma que as condições de saúde aumentem.

Para Mata, Henriques e Silva (2019, p. 4) “o palhaço está ligado ao símbolo da alegria, a ternura e ingenuidade, o símbolo utilizado para destacar esta figura é o nariz vermelho, que representa que alguém diferente deseja brincar”.

Por outro lado, ele também exerce o papel de ironizar, emocionar e mostrar o comportamento humano, mas essas facetas, entre outras, lhe são vantajosas, o seu ser inusitado permite identificações e trocas respeitadas de emoções, principalmente aquelas que vibram para a melhoria física e psíquica.

Sendo um hospital de tratamento ao câncer, adulto ou infantil, do ponto de vista emocional, um lugar de sofrimento, dor e pesar, a terapia do riso o humaniza.

Portanto, as crianças com câncer que participem dessa terapia auxiliar realizada pelo teatro Clown ganham significativas melhoras de cunho fisiológico e emocional, modificando seus níveis de sofrimento psíquico, de forma que passam a responder com a evolução do tratamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou que as ações desenvolvidas pelo teatro Clown são de fundamental importância para auxiliar no tratamento de pessoas hospitalizadas, principalmente quando se trata de câncer infantil, tendo em vista que os clowns atuam valorizando o ser humano, levando em consideração as etapas do desenvolvimento e as possibilidades das multi alternativas de comunicação.

Esta intervenção do Clown, utilizando as vertentes das artes cênicas, tem surtido grande efeito auxiliar no tratamento de criança com câncer. É de extrema importância salientar que, apesar da atuação dos clowns no ambiente hospitalar ainda gerar certo receio por parte da equipe médica e de alguns familiares, os estudos mostram, no entanto, que há uma parcela significativa de médicos e outros cuidadores de saúde que apoiam este trabalho, reconhecendo os seus benefícios aos cuidados das crianças em tratamento, de seus familiares, da equipe medica e dos funcionários, mudando com sorrisos e roupas engraçadas esse ambiente outrora triste e marcado pela dor e sofrimento.

O apoio aos grupos de clowns é importante para as crianças hospitalizadas, ao garantir que este elemento terapêutico perdure e que os palhaços se tornem membros respeitados da equipe multidisciplinar de profissionais de saúde, cujo objetivo é a gestão bem sucedida de crianças doentes em hospitais, uma missão que é consideravelmente mais do que simplesmente tratar da doença, mas, sim, uma questão de humanização hospitalar.

A principal missão dos doutores palhaços é levar o seu amor e proporcionar alegria à criança doente, dando atenção merecida à pessoa enquanto paciente, enquanto ao mesmo tempo, ser espontâneo e capaz de tirar uma gargalhada ao meio a dor, e dar um espetáculo único por ser 100% presente.

Com a experiência de Clown no projeto social A Trupe da Alegria foi possível entender que para realizar as suas atividades no ambiente hospitalar é necessário que se esteja ciente das necessidades das crianças doentes e de seus familiares, para que assim, a abordagem à criança seja realizada com sensibilidade, amor e cuidado, o que é extremamente importante, pois quando se trata de crianças gravemente doentes, os clowns precisam seguir um código de conduta que reconhecem os limites de quando se aproximar de uma criança ou não.

É importante que os clowns realizem a auto avaliação psicológica de forma frequente, além de estabelecer diálogos constantes com a equipe hospitalar para facilitar a intervenção, e, com isso os resultados dos trabalhos desenvolvidos se revelem positivos, dando possibilidade de criar novas propostas, novas estratégias diante de um mundo real de dor que é a hospitalização.

Os clowns são capazes de adaptar o jogo para realidade individual de cada criança, e assim, oferecer eficazmente por medida terapêutica de distração em um ambiente onde os potenciais locais hostis e sons associados com internação hospitalar infantil possam ser atenuadas. Com isso o saber ouvir e assistir a criança antes de proporcionar algo é de grande importância.

Toda ação dos clowns é para aliviar o sofrimento, de modo que o riso espontâneo seja gerado durante o encontro do Clown com a criança, iluminando o ambiente, inclusive, levando alegria aos pais e leveza à equipe de saúde, por isso os estudos identificam esses momentos com doutores palhaços como sendo de crucial importância para a recuperação da criança.

Antes de iniciar com o procedimento o objetivo do clown é ganhar o consentimento da criança e da família para que possam prosseguir com sua intervenção. Isso é importante, para o acolhimento e aceitação das atividades lúdicas e facilita a aceitação também ao tratamento muitas vezes invasivo.

A sensibilidade e a empatia são muito importantes para que o Clown possa ajudar as crianças a lidarem com situações difíceis em ambientes desconhecidos e rotina diferente causadoras de angústias e ansiedades, para as quais o domínio da arteterapia se mostra essencial para a atuação do teatro Clown como auxílio terapêutico em ambiente hospitalar.

Diante das adversidades enfrentadas no ambiente hospitalar é de fundamental importância incentivar os recursos de humanização oferecidos pelos palhaços-doutores, sendo necessário realizar mais estudos sobre tal temática de grande relevância, pois o interesse pela arte do palhaço extrapola o campo hospitalar.

A intervenção e as interações dos clowns ampliam os conhecimentos sobre o lúdico no desenvolvimento humano, principalmente na modalidade atuar em saúde com consequências positivas e terapêuticas mostradas neste estudo.

O Teatro Clown prima pelo humor, ludicidade e criatividade como elementos terapêuticos que podem influir de modo positivo durante a hospitalização e tratamento de crianças, por extensão, a seus familiares e às equipes de saúde, com o intuito de garantir um cuidado mais integral e humanizado.

A atuação sensível e irreverente do teatro Clown com crianças hospitalizadas por diagnósticos de câncer é tão possível quanto necessária devido ao alto nível de medo, estresse, angústia e ansiedade, entre outros transtornos que podem afetá-las durante o afastamento de seu mundinho de criança, pois suas técnicas lúdicas de humor e entretenimento lhes devolve o relaxamento imprescindível de resgate ao seu ser infantil.

Portanto, em contraste ao sofrimento físico e psicossocial os palhaços-doutores ousam oferecer a terapia do riso para a ressignificação do processo saúde doença.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, R.M. ; Azevedo, M.R.S. (2001). **Brincar no Hospital: análise de estratégias e recursos lúdicos utilizados com crianças**. Estud. Psicol. (Campinas) 18:33-42.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: Informação e Documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e Documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e Documentação - Citações em Documentos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002a.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ALBUQUERQUE, Carlos Manuel de Sousa; OLIVEIRA, Cristina Paula Ferreira de. **Saúde e Doença: Significações e Perspectivas em Mudança**. Millenium - Revista do ISPV - n.º 25 - Janeiro de 2002. Millenium on-line.
- ARAGÃO, Rita Márcia; AZEVEDO, Maria Rita Zoega Soares. **O brincar no hospital: análise de estratégias e recursos lúdicos utilizados com crianças**. Estud. psicol. (Campinas) vol.18 no.3, p. 75 – 90. Campinas Sept./Dec. 2001. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000300003> Acesso em 22 maio 2020.
- BARLATTI, M. A.; SORDI, C. A. de; MURILHA, D. **Projeto de um Centro Oncológico Infantil para o Município de Ourinhos (SP)**. <http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2014/pdf/arg024.pdf> Acesso em 10 de maio 2020.
- BAPTISTA, Américo; CARVALHO, Marina ; LORY, Fátima. **O medo, a ansiedade e as suas perturbações**. Psicologia [online]. 2005, vol.19, n.1-2, pp.267-277. ISSN 0874-2049. Disp. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100013 Acesso em 1 de jun 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância Estimativa 2015: Incidência de Câncer no Brasil/Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Coordenação de Prevenção e Vigilância. Rio de Janeiro: INCA, 2015. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/gestor/homepage/outrosdestaques/estimativa-de-incidencia-de-cancer-2014/estimativa_cancer_24042014.pdf Acesso em 10 de maio 2020.
- Infopedia – Dicionário Porto Editora. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/cancro> Acesso em maio 2020.
- CASTILLO, Ana Regina GL; RECONDO, Rogéria; ASBAHR, Fernando R e MANFRO, Gisele G. Transtornos de ansiedade. Rev. Bras. Psiquiatr. 2000, vol.22, suppl.2pp.20-23. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600006&lng=en&nrm=iso Acesso em 01 de jun 2020.

CATAPAN, S. C. **Significados das práticas dos "Terapeutas da Alegria" sobre pacientes adultos internados em um hospital universitário.** 2017. 115f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Área de concentração: Ciências Sociais e Humanas em Saúde. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CATAPAN, Soraia de Camargo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de; ROTTA, Tatiana Marcela. **Palhaçoterapia em ambiente hospitalar:** uma revisão de literatura. Ciênc. saúde coletiva vol.24 no.9 Rio de Janeiro Sept. 2019 <https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.22832017> Acesso em 22 maio 2020.

CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Ellen. Psicologia da Saúde x Psicologia Hospitalar: Definições e Possibilidades de Inserção Profissional. Psicologia, ciência e profissão, 2004, 24 (3), 48-57.

Dionigi A, Flangini R, Gremigni P. Clowns in hospitals. In: Dionigi A, Flangini R, Gremigni P. Humor and Health Promotion. New York: Nova Science Publishers; 2012. p. 213-227.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n3/v24n3a07.pdf> Acesso em 15 de maio 2020.

DOMINGOS, N. A. M. (1993). **Preparo para cirurgia:** Teste de programas psicológicos na redução de ansiedade de crianças e mães. Dissertação de Mestrado (PUC). Campinas

Doutores da Alegria. Blog <https://doutoresdaalegria.org.br/> Acesso em 27 de maio 2020.

DOUTORES DA ALEGRIA. Centro de Pesquisa e Desenvolvimento: **O hospital pelos olhos do palhaço.** Disponível em: http://www.doutoresdaalegria.com.br/internas.asp?secao=centrodeestudos_formação Acesso em: 23 de abr 2007.

Estado de Santa Catarina. **Protocolo da Rede de Atenção Psicossocial, baseado em evidências, para o acolhimento e o tratamento de transtornos de ansiedade generalizada.** Sistema Único de Saúde, 2015.

ESTEVES, Carla Hiolanda; ANTUNES, Conceição; CAIRES, Susana. **Humanização em contexto pediátrico:** o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. Comunicação, saúde educação 2014; 18(51):697-708. DOI: 10.1590/1807-57622013.0536.

FARIA, Bárbara Lacerda de Oliveira; GOMES, Clarissa Raquel da Silva; MAGALHÃES, Evaristo Nunes. Transtorno de Ansiedade Generalizada: uma Abordagem Farmacológica e Psicoterapêutica. Psicólogo, [S.l.]. (2016). Disponível em <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/transtorno-de-ansiedade-generalizada-uma-abordagem-farmacologica-e-psicoterapeutica> Acesso em 1 Jun 2020.

FREIRE, M. E. M.; et al. **Qualidade de Vida relacionada à Saúde de Pacientes com Câncer:** uma visão integrativa. João Pessoa. Fev. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n2/pt_0080-6234-reeusp-48-02-357.pdf. >Acesso em: 17 jun. 2016.

FOUCAULT, M. (1979). **O Nascimento do hospital.** In M. Foucault. (Org), Microfísica do poder. (pp. 99-112). Rio de Janeiro, RJ: Graal.

LIMA, C. S. P. **Carcinogênese e Prevenção do Câncer**. In.: ANGERAMI – CAMON, V. A.; GASPAR, K. C. (Org.). *Psicologia e Câncer*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MASETTI, M. *Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar*. São Paulo: Palas Athena; 1998.

MATA, Michael Soares da; HENRIQUES, Wilma Magaldi; SILVA, Flávio Alves da. **Terapia do riso: O papel do palhaço na humanização e no cuidado em saúde**. *Revista Científica UMC*. Edição Especial PIBIC, outubro 2019, ISSN 2525-5250.

METTZER, on-line. **Formatar TCC: o Guia completo para as normas da ABNT**. <https://blog.mettzer.com/guia-completo-para-formatar-tcc-nas-normas-da-abnt/> Acesso em 30 de maio de 2020.

MORCERF, Cely Carolyne Pontes; IMPAGLIAZZO, Sandra Pereira; ALMEIDA, Gabriella Corrêa de; SCHNEIDER, Luciana; DIMITRIOU, Rita Saldanha; BRAGA, Patrícia Mata; SIQUEIRA, Áthila de Almeida; GUIMARÃES, Christiny Almeida. **Projeto de Extensão Ilumine: A Entrada da Figura do Palhaço no Ambiente Hospitalar**. *Revista Conexão UEPG*, vol. 11, núm. 1, enero-abril, 2015, p. 88-99. Universidade Estadual de Ponta Grossa Ponta Grossa, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5141/514151515009.pdf> Acesso em 27 de maio 2020.

MOURA JUNIOR, Miguel Matos de; GODOY, Bárbara Spina D. de; MEDEIROS, Danuta. **Palhaços-doutores e seus recursos defensivos: um estudo a partir do Questionário Desiderativo**. *Rev. SBPH [online]*. 2018, vol.21, n.2, pp. 123-144. ISSN 1516-0858.

PALMA, Victor Hugo; BARRIGA, Luís; CRUZ, Sandra e GAMA, Ana Paula. **Modelando a sintomatologia psicótica: a arte como recurso terapêutico em saúde mental**. *Psic., Saúde & Doenças [online]*. 2017, vol.18, n.1, pp.19-28. ISSN 1645-0086. <http://dx.doi.org/10.15309/17psd180102>. Acesso em 27 maio 2020.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. *Psicol. cienc. prof.* vol.34 no.1 Brasília jan./mar. 2014. p.142-157. ISSN 1414-9893.

RIBEIRO, Ana Bárbara da Silva; PINHEIRO, Woneska Rodrigues; ARAÚJO, Gleice Adriana; AKEMAN, Marco. **A ludoterapia e a criança hospitalizada: uma revisão sistemática**. *Cadernos ESP*, Ceará 8(1): 67-80, jan./jun. 2014.

RIBEIRO, Maria Aparecida Guimarães. **Concepções e Funções da Arte na Arteterapia**. 2002. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1937> Acesso em 22 maio 2020.

SATO, Mariana et al. **Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente**. *Interface (Botucatu) [online]*. 2016, vol.20, n.56, pp.123-134. ISSN 1807-5762. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0178> Acesso em 27 de maio 2020.

SEPAC (Serviço à Pastoral da Comunicação). **Teatro em comunidade**. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção pastoral da comunidade: teoria e prática. Série manuais).

SILVA, E.L. da; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Jane Kelly Oliveira; MOREIRA FILHO, Djalma de Carvalho; MAHAYRI, Nazira; FERRAZ, Rosemeire de Olanda; FRIESTINO Fernando Simões. **Câncer Infantil: Monitoramento da Informação através dos Registros de Câncer de Base Populacional**. Revista Brasileira de Cancerologia 2012; 58(4): 681-68.

SILVEIRA, N. **O mundo das Imagens**. São Paulo. Ática, 2001.

SOUSA, T. dos S.; GONÇALVES, J. C. **Influência Do Estresse No Processo Cancerígeno**. São Paulo. Dez. 2014. Disponível em: <http://nipromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/9fc630df2b1426573beb2a0bb300a41b.pdf> Acesso em: 15 de fev.de 2020.

VALLADARES, A. C. A. FUSSI, F. E. C. **A Arteterapia e a reforma psiquiátrica no Brasil**. Rev. Arteterapia: Imagens da Transformação. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, v.10, n.10, p.5-13, 2003. ISSN: 1516-4128.